

**“PERTURBADOS, EXPULSOS E ENXOTADOS PARA FORA DE COLÔNIA”:
OS EXPURGOS JUDAICOS EM COLÔNIA NA IDADE MÉDIA.**

Christian Arend Kremer¹

RESUMO

Este trabalho pretende desenvolver o eixo temático das expulsões dos judeus da cidade de Colônia a partir da observação da ocorrência destes episódios na crônica denominada *Koelhoffsche Chronik*, de 1499. O recorte proposto observa a maneira como cronista retrata os dois episódios da expulsão dos judeus de Colônia na fonte. O primeiro expurgo refere-se ao período em que os judeus ficaram fora de Colônia durante 24 anos, compreendendo os anos de 1349 e 1373. Já a segunda ocorrência remete ao século XV, empreendida pelo Conselho da Cidade no ano de 1423, e que teve efeito mais duradouro. A partir do que está exposto no relato cronístico e mediante apropriação da revisão bibliográfica, podem ser elaboradas considerações sobre as motivações e desdobramentos das expulsões dos judeus de Colônia. Assim sendo, tenta-se localizar o antijudaísmo difundido em diversos territórios europeus durante a Alta Idade Média especificamente em uma das cidades mais significativas do Ocidente naquele período. É recorrente no Ocidente Medieval temas antijudaicos e fontes que apresentem os judeus paulatinamente degradados, empobrecidos e culpabilizados por problemas como aumento de impostos e doenças, além da difusão de lendas e de estereótipos em relação a sua religião e cultura. Nesse sentido, esta pesquisa entende que ao apresentar duas vezes contextos de expulsão dos judeus da cidade, a narrativa estudada comprova a existência de hostilidades e de comportamentos antijudaicos em Colônia, que acabam por culminar nestes episódios.

Palavras-chave: Idade Média Tardia; Judeus; Colônia; Expulsão

ABSTRACT

This paper seeks to develop the thematic axis of the purges of the Jewish community from the city of Cologne through an analysis of these occurrences in the *Koelhoffsche Chronik*, from 1499. This investigation aims to observe how the chronicler portrays the two episodes of expulsion of the Jews from the city. The source's first account refers to the period in which the Jewish community was expelled from Cologne for 24 years,

¹ Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestrando do PPG em História da mesma Universidade, sob orientação da Profa. Dra. Cybele Crossetti de Almeida. Bolsista CNPq. E-mail: christian.arend.kremer@gmail.com

comprising the years between 1349 and 1373. The second banishment dates back to the fifteenth century and had a longer effect, since it was carried out by the City Council, in 1423. From an analysis of the chronicle's account and through the interpretation of the bibliography on this subject, considerations may be elaborated on the motivations and developments of the purges of the Jews from Cologne. Thus, I seek to locate anti-Judaism, which was spread across several European territories during the Late Middle Ages, specifically in one of the most significant Western cities in that period. Anti-Jewish themes were recurrent in the Medieval West, as are sources that present Jews being gradually degraded, impoverished and blamed for problems such as increased taxes and diseases, and also the spread of legends and stereotypes regarding their religion and culture. In this sense, this research understands that by presenting the banishment of Jews from the city in two different contexts and periods, the narrative under study proves the existence of hostilities and anti-Jewish behaviors in Cologne, which culminated in the purging episodes.

Keywords: Late Middle Ages; Jews; Cologne; Purge

Submetido em: 18/08

Aceito em: 30/08

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por intuito analisar como as expulsões dos judeus são retratadas na *Koelhoffsche Chronik*, de 1499. Incluída em um projeto mais amplo, essa pesquisa pretende recorrer à narratologia² para investigar as fontes cronísticas de Colônia a fim de obter resultados que expliquem a difusão de estereótipos e de simbologias utilizadas, inserindo-as no contexto da paulatina marginalização e degradação de judeus em vários reinos e territórios da Europa durante a Idade Média, bem como o desenvolvimento de comportamentos antijudaicos³ nestes contextos.

O antijudaísmo pode ser visto como um fenômeno generalizado no medievo, sendo que se manifestou de diversas maneiras e em todo o continente europeu. Dentre as maneiras de expressão destes sentimentos está a difusão de estereótipos degradantes a respeito dos judeus, que foram propagados e que tomaram conta do imaginário popular do continente bem como a frequente utilização de iconografias com temáticas antijudaicas.

O historiador Jean Delumeau afirma que antes do século XI, quase não se encontra traço no Ocidente de um antijudaísmo popular. Os judeus estavam, portanto, praticamente integrados à sociedade local (DELUMEAU: 1989, 280). Entretanto, esta integração apresentada por Delumeau começa a tomar outros rumos principalmente a partir das Cruzadas, quando a situação dos judeus no Ocidente começa a se deteriorar. No IV Concílio de Latrão (1215), entre várias outras restrições, foi ordenado que os judeus deveriam vestir-se de maneira diferente dos gentios. Estas determinações demonstram como a tensão entre judeus e cristãos tornou-se cada vez mais explícita,

² A questão da narratologia enquanto método de pesquisa histórica é trabalhada pelo professor da Universidade de Mainz Jörg Rogge em: ROGGE, Jörg. *Recounting Deviance: Forms and practices of presenting divergent behavior in the Late Middle Ages and Early Modern Period*. Transcript Verlag: Bielefeld, 2016.

³ Alguns autores utilizam os conceitos de antissemitismo e antijudaísmo como sinônimos, entretanto nesta pesquisa adota-se a diferenciação proposta por Rodrigo Laham Cohen: “Mesmo que o vocábulo antijudaísmo pode ser rastreado muitíssimo antes que antissemitismo, seu uso acadêmico não se encontra tão longe no tempo. Seu emprego permitiu, simultaneamente, limitar o alcance da ideia de antissemitismo e tornar mais complexas as possíveis explicações para a hostilidade manifestada por determinados grupos em determinadas circunstâncias históricas. Até a atualidade, de fato, a maior parte dos pesquisadores separa os âmbitos de aplicação de ambos os termos claramente: antijudaísmo se reserva ao ataque ao judaísmo – e seus adeptos – enquanto que antissemitismo se aplica à hostilidade para com os judeus em base a postulados racistas, biológicos ou étnicos”, vide COHEN, Rodrigo Laham. *Antissemitismo, antijudaísmo y xenofobia: Palabras, conceptos y contextos en la Antigüedad y la Alta Edad Media*. In: *Conceptos Históricos 2*, 2016, pp. 12-39 (Tradução livre).

sendo os judeus paulatinamente degradados, empobrecidos e culpabilizados por problemas como aumento de impostos e propagação de doenças.

Em trabalho intitulado “As *Siete Partidas* e o contexto da globalização do antijudaísmo no século XIII”, Cybele Crossetti de Almeida (2017) identifica um “efeito cumulativo” nessas tensões entre cristãos e judeus por meio da propagação de mitos ao longo de três séculos: no século XII, são encontradas as primeiras acusações de assassinato ritual⁴, vinculado ao tabu de sangue; no século XIII, se apresenta nesse contexto a profanação da hóstia por judeus; no século XIV há acusações de envenenamento de poços.

Esses mitos acentuaram não apenas estereótipos contra os judeus, mas também contribuíram para a marginalização deste grupo na sociedade medieval. A partir das acusações mencionadas tenta-se traçar um perfil homogeneizante dos judeus com a finalidade de sugerir que suas ações colocavam em risco toda a sociedade cristã (MORAIS: 2016, 5).

Nesse sentido, as narrativas cronísticas, bem como a tradição oral, desempenhavam um importante papel no que diz respeito à propagação e difusão desses mitos pelo continente europeu. Desta forma, o antijudaísmo generalizou-se principalmente entre os séculos XII e XV, alcançando seu ápice no contexto da proliferação da Peste Negra, quando os judeus, acusados de propagar a doença, sofreram expulsões em diversos territórios europeus.

A fonte primária para o desenvolvimento deste trabalho é a Crônica de Koelhoff, que recebeu oficialmente o nome de “*Cronica van der hilliger stat van Coellen*” (Crônica da sagrada cidade de Colônia). Publicada em 1499, a “*Koelhoffsche Chronik*” teve apenas uma edição e ficou conhecida com este nome devido ao seu editor, Johann Koelhoff der Jüngere, que foi à ruína financeira após a publicação da crônica, provavelmente pelo fato do círculo de leitores de Colônia ser muito restrito na época de sua publicação (BRINCKEN: 1984, 67). Neddermeyer salienta que o editor teve o

⁴ Existem autores que entendem os termos “assassinato ritual” e “libelo de sangue” como fenômenos distintos. Entretanto, neste trabalho adota-se a proposta da professora da Universidade de Harvard E. M. Rose, que apresenta os dois termos como sinônimos intercambiáveis, uma vez que estes conotam a acusação do uso de sangue de crianças para propósitos medicinais e mágicos e que, às vezes, inclui também a acusação de “canibalismo ritual”, vide ROSE, E. M. *The murder of William of Norwich*. Oxford University Press: Nova Iorque, 2015.

infortúnio de publicar a obra no momento em que o interesse por títulos em Baixo-Alemão estava em absoluta decadência (NEDDERMEYER: 2011, 135). A autoria deste incunábulo ilustrado é até hoje desconhecida, entretanto fica evidente que ao adotar o título oficial para o relato, o cronista pretende escrever a História da cidade em questão.

OS EXPURGOS JUDAICOS EM COLÔNIA SEGUNDO A *KOELHOFFSCHE CHRONIK*

O autor da Crônica de Koelhoff menciona diversas vezes em seu texto o termo “*Juden*” (judeu), já desde os tempos bíblicos. Dentre estas menções, há aquelas que se referem aos judeus medievais, sendo que duas destas chamam mais atenção, porque tratam de episódios de perda de liberdade desse grupo na cidade de Colônia. Uma dessas passagens refere-se ao século XIV e a outra ao século XV.

No ano de 1349 encontra-se o registro mais rico do século XIV em relação aos judeus na Koelhoffsche Chronik. Isenmann (2014) caracteriza os anos entre 1348 e 1351 como o ápice do antijudaísmo na cidade naquele século, uma vez que ondas de ressentimento se espalharam desde o sul em direção ao norte, acompanhando a epidemia de Peste Negra. (p. 744) Consta na crônica que os judeus ficaram durante 24 anos fora da cidade, entre 1349 e 1373, quando finalmente o Conselho da cidade permitiu que regressassem:

No ano anterior, no dia de são Bartolomeu, os judeus de Colônia queimaram-se a si próprios em suas casas e foram queimados em todos os lugares, porque envenenaram água e poços e tinham este comportamento para com a cristandade: assim eles foram, aqui me refiro como foi, perturbados, expulsos e enxotados para fora de Colônia na vigília de Bartolomeu. Assim, não tenho informação sobre o que fizeram antes do tempo de retornar a Colônia. o tempo que permaneceram fora de Colônia foi de 24 anos.⁵ (KOELHOFF, Chronik In HEGEL: 1877, 686)

Sobre este excerto, Anna Dorothee von den Brincken (1984, pp. 70-71) propõe que esta primeira referência ao massacre dos judeus de Colônia poderia ter sido mais explorada pelo autor da obra. Neste caso, a estudiosa expõe que o cronista optou por silenciar e não revelar muitos detalhes. É conhecido que no ano de 1349, em todas as

⁵ Tradução livre da fonte: “*In dem vurß jair up sent Bartholomeus dach verbranten sich die Joeden selfs zo Coelne in iren huiseren ind man brant si ouch overal, want si die wasser und puitz venint hadden und hadden dat bestalt durch die cristenheit: so wurden si, do men it wis wart, verstoert, verdreven und verjaget uis Coellen in vigilia Bartholomei. zo wat ziden si in Coellen komen sin vur der zit, hain ich noch niet vonden. dan van der zit nu an bleven si uis Coellen 24 jair.*”

idades renanas, judeus com ou sem julgamento foram queimados e que, em algumas casas, os próprios judeus colocavam fogo consigo dentro delas (ISENMANN: 2014, 745).

Nesse sentido, o cronista estabelece apenas que os judeus atearam fogo em si mesmos, em suas casas e no seu bairro. A perspectiva de autoimolação da comunidade judia é tema recorrente também em outras crônicas. Contudo, Bönisch (1977) defende que nas fontes administrativas não se encontra essa questão tratando dos judeus como suicidas, o que caracteriza, portanto, uma carnificina (p. 14).

As causas para o ataque da noite de São Bartolomeu de 1349 são trabalhadas por Matthias Schmandt (2002), que propõe que derivam principalmente do acúmulo de sentimentos antijudaicos na região do baixo Reno, tendo seu ápice no final da primeira metade do século XIV com a culpabilização dos judeus pela propagação da Peste Negra (p. 85).

Sobre o massacre dos judeus em Colônia no ano de 1349, Isenmann (2014) conclui que:

Embora o Conselho de Colônia [...] tenha avisado sobre um possível ataque, caso a perseguição dos judeus fosse permitida, em 1349, houve a invasão do bairro judeu, localizado no centro, fechado com muros e semelhante a um gueto. Os judeus foram vítimas de roubo, pilhagem, incêndio e assassinato; mais tarde afirmou-se que os judeus queimaram-se.⁶ (ISENMANN, 2014, p. 746)

Não há menção aos judeus na Crônica nos 24 anos que foram excluídos de Colônia. Ao referir-se ao regresso desse grupo à cidade, seu autor faz apenas uma breve menção ao acontecimento, sem detalhe algum, no ano de 1373:

No ano anterior voltaram os judeus [...] novamente a Colônia [...], já que foram expulsos de Colônia no ano do Senhor de 1349.⁷ (KOELHOFF, Chronik In HEGEL: 1877, 714)

No século XV, as hostilidades contra os judeus continuaram acontecendo em Colônia. Bönisch (1977) aponta que os direitos após o regresso não eram mais como

⁶ Tradução livre de: “*Obwohl der Kölner Rat vor [...] einem Übergreifen gewarnt hatte, falls man Judenverfolgungen zuließ, wurde in Köln 1349 nach dem Tod des Erzbischofs Wahraus das zentral gelegene, ghettoartig ummauerte Judenviertel gestürmt. Die Juden wurden Opfer von Raub, Plünderung, Brennen und Morden; später wurde angegeben, die Juden hätten sich selbst verbrannt.*“

⁷ Tradução livre da fonte: “*In dem vurß jair quamen die Joeden [...] weder zo Coellen [...] die widder uis Coellen verdreven wurden anno dni. 1349.*“

anteriormente, uma vez que os judeus podiam apenas arrendar casas, não podiam adquirir propriedades e não poderiam resgatar os empréstimos que efetuaram antes da expulsão. É justamente nesta perspectiva onde se encontra o material mais rico sobre os judeus medievais nos relatos da Koelhoffsche Chronik: a segunda expulsão destes da cidade.

O cronista reserva cerca de meia página para relatar este segundo expurgo, no ano de 1423:

No ano anterior os judeus dentro de Colônia tiveram sua proteção e seu abrigo extintos para sempre. Mas se permitiu naquele ano morarem em Colônia e a maioria dentro deste ano não pôde emprestar e também receber dinheiro dos seus credores [cujas dívidas antigas se aproximavam do prazo] [...] então reclamaram ao bispo: a maioria pediu e à cidade de Colônia para tornar-se protegidos dentro de Colônia, como quem protege todos os seus, e tiveram aquilo estabelecido, desejando que os fizessem livres na cidade. o bispo escreveu isso para a cidade [...] e por isso eles foram rejeitados, e expulsos de Colônia para os dias eternos. os judeus procuraram grande ajuda com o imperador e com o bispo. a cidade degradou a todos e eles tiveram que ir embora. *| o bispo ignorou-os duas vezes de tal maneira: não importa. eles escreveram ao imperador como anteriormente |*: mas o imperador respeitou os direitos na cidade, *| então ele não podia forçar a cidade [a não expulsar os judeus]|*. a cidade também escreveu ao papa e o papa confirmou os seus privilégios, e por isso a cidade se defendeu das cartas do imperador e do bispo. os novos donos devem fazer uso da comunidade. ⁸ (KOELHOFF, Chronik In HEGEL, 1877: 758-759)

Ao ler o fragmento anterior, fica claro que o cronista não apresenta uma reflexão sobre os motivos nem os desdobramentos sociais da decisão do Conselho. É apenas exposto que foi decidido pela não permanência dos judeus na cidade e que esta resolução teve apoio do bispo, do imperador e do papa.

Sabe-se que em agosto de 1423 o Conselho de Colônia decidiu por não renovar a permissão de residência para os judeus na cidade, lembrando que em 1414 ela havia sido renovada pela última vez e que a sua vigência era geralmente de 10 anos. Com isso, os judeus tinham autorização para permanecer até primeiro de outubro de 1424, quando

⁸ Tradução livre da fonte: “*In dem vurß jair do wart den Joeden binnen Coellen iren schirm und vurwart upgesacht ind wurden uisgewist zo den ewigen dagen. doch lies men si dat jair uis zo Coellen wonen und moisten binnen dem jair niet uislenen und ouch dat iederman sine pende loeste, dat quam alsus zo [...] do claignden si dem bischof: si moisten der stat Coellen so vil geven umb dat allein dat si van den raide binnen Coelne beschirmpt wurden, as eme der si durch alle sin lant beschirmde, ind hadden dat gerne afgestalt gehat, begerende van eine dat he si vortme vri meechte van der stat. der bischof schreif it der stat [...] dairumb wurden si van der stat vurwerden verwist uis Coelne zo ewigen dagen. die Joeden soichten groisse hulpe an dem keiser ind an dem bischof. die stat verquam si alle ind si moisten rumen. *|der bischof lachte sich zomail sere darweder: it enhalp allet niet. si schreven zo dem keiser as vurß |*: mer als dem keiser der stat privilegien vurgehalden wurden, */so enmocht he mit gheinem recht die stat dairzo zwingen|*. Ouch schreif die stat an dem pais ind wis de irre privilegie und wurden van dem pais bestediget, ind dairumb enkeirde sich die stat an des keisers noch bischofs brief niet. novit dominus si bonum fecit comunitati, - alsus schrift einre in der croniken van den bischoffen van Coellen.*“

deveriam deixar a cidade. Esse prazo serviria para que os expulsos pudessem assim cumprir com seus compromissos, além de ser-lhes proibida a realização de novos empréstimos, já que estes não se fariam mais presentes para a quitação destas dívidas (BRINCKEN: 1971, 305).

A carta direcionada ao imperador mencionada pelo cronista é datada de 1431, quando os judeus já estavam há quase sete anos fora de Colônia é caracterizada por Brincken (1971), que elenca os motivos expostos nela que levaram a cidade a não permitir mais judeus dentro de seu perímetro. Segundo a autora, os motivos estariam vinculados com o perigo de proselitismo; a impotência da cidade em protegê-los frente aos tumultos da Cruzada Hussita; a usura; a consideração de sua expulsão dos territórios e cidades vizinhas; a santidade da cidade de Colônia; os boatos de envenenamento de poços e o medo da propagação de alguma epidemia (p. 319).

Nesse sentido, pode-se perceber a multiplicidade de justificativas que levaram os judeus a serem considerados um problema dentro da cidade. Além disso, é importante ressaltar o protagonismo das narrativas compartilhadas pela população no que diz respeito à disseminação de lendas e estereótipos contra este grupo. Tendo isso em mente, deve-se pensar a *Cronica van der hilliger stat van Coellen* não apenas como reflexo do contexto em que foi escrita, mas também como produtora e difusora de material sobre estes episódios.

Após a expulsão dos judeus, era necessária uma autorização para que estes pudessem reingressar em Colônia. Esta determinação perdurou até 1797, quando tropas revolucionárias francesas ocuparam Colônia. A liberdade legal para a presença de judeus em Colônia foi estabelecida novamente apenas a partir de 11 de dezembro daquele ano. Vale ressaltar que não há na Crônica de Koelhoff menções aos judeus no exílio nem a conversões forçadas durante esse período.

Nesse sentido, pode-se pensar que uma vez que a Crônica não mais faz alusão aos judeus em Colônia após o segundo expurgo, estes não tinham mais relação alguma com a história e presente da cidade. Para o cronista, portanto, os judeus haviam sido expulsos de Colônia e isso representava que a partir de então este grupo estava excluído da história da cidade que este se propunha a escrever.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletindo sobre a paulatina generalização do antijudaísmo na Europa medieval, e ao referir-se à “*Koelhoffische Chronik*“, Anna Dorothee von den Brincken (1984) defende que o material analisado não apresenta ressentimentos contra os judeus nem expressa estereótipos em relação à cultura e religião judaicas. A autora sustenta esse argumento baseada em uma análise comparativa com fontes cronísticas de outras cidades, a exemplo da *Nürnbergger Weltchronik* de 1493, na qual a temática antijudaica aparece numerosas vezes. (p. 71)

Entretanto, esta pesquisa entende que ao apresentar duas vezes os contextos de expulsão dos judeus de Colônia, a Crônica indica a existência de hostilidades e de comportamentos antijudaicos naquela cidade, o que culmina nestes expurgos. Além disso, também se pode pensar que as ausências significativas de menções aos judeus nestas fontes revelam uma intencionalidade do autor em excluí-los da história da cidade, o que também corrobora a hipótese do antijudaísmo naquele contexto.

As poucas vezes em que os judeus medievais são retratados na crônica durante os séculos que compreendem a Idade Média Tardia revelam claramente que os judeus têm espaço marginal nessa obra. Pode-se relacionar isto diretamente com a sociedade e época em que o documento foi escrito, ao passo que os judeus são mais relevantes apenas em dois episódios: os dois casos de sua expulsão da cidade.

REFERÊNCIAS

I. FONTE

HEGEL, Carl; CARDAUNS, Hermann (Ed.). Die Chroniken der niederrheinischen Städte (Köln). Vol 2. Editora Salomon Hirzel: Leipzig, 1876.

HEGEL, Carl; CARDAUNS, Hermann (Ed.). Die Chroniken der niederrheinischen Städte (Köln). Vol 3. Editora Salomon Hirzel: Leipzig, 1877.

KOELHOFF, Chronik. 1499. Edição digitalizada e disponibilizada pela Universidade de Düsseldorf. Disponível em: <http://digital.ub.uni-duesseldorf.de/ink/content/pageview/3666106> (último acesso em 08/06/2018)

II. BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Cybele Crossetti de. Las Siete Partidas no contexto da globalização do antijudaísmo do século XIII. 2017. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra). Em: Colóquio internaonal “Las Siete Partidas: une codification normative pour un nouveau monde“. Organizado por Stéphane Boissellier, Jérôme Devard e Charles Garcia. 2 a 4 de novembro de 2017. Casa de Velázquez, Madri, Espanha.

BÖNISCH, Georg. Die Juden – Opfer des wilden Mobs. In: **Tatort Köln**. Colônia, 1977, pp. 10-18.

BRINCKEN, Anna-Dorothee von den. Die Juden in der kölnischen Chronistik des 15. Jahrhunderts. In: BOHNKE-KOLLWITZ, Jutta; ECKERT, Willehad Paul; GOLCZEWSKI, Frank; GREIVE, Hermann (orgs.). **Köln und das rheinische Judentum: Festschrift Germania Judaica 1959-1984**. Colônia, 1984, pp. 63-74.

_____. Die Vertreibung der Juden aus Köln 1424: Die Stadt rechtfertigt sich vor dem König, 28. August 1431. In: DEETERS, J.; HELMRATH, J. **Quellen zur Geschichte der Stadt Köln, Bd. II, Spätes Mittelalter und Frühe Neuzeit (1396-1794)**. 1996, pp. 69-74.

DELUMEAU, Jean. **A história do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

ISENMANN, Eberhard. **Die deutsche Stadt im Mittelalter: 1150-1500**. Editora Böhlau: Colônia; Weimar; Viena, 2014.

KREMER, Christian A. **As representações dos judeus na Koelhoffische Chronik (1499)**. Porto Alegre: UFRGS/Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Trabalho de Conclusão do Curso de História, 2018.

MORAIS, Vinícius de Freitas. **A Crônica de Nuremberg e o antijudaísmo em xilogravuras no final do século XV**. Rio de Janeiro: UFRJ/Instituto de História – Trabalho de Conclusão de Curso, 2016.

NEDDERMEYER, Uwe. Städtische Geschichtsschreibung im Blickfeld von Stadthistorie, Inkunabelkunde, Literatur- und Historiographieggeschichte. In: MÖLICH, Georg; NEDDERMEYER, Uwe; SCHMITZ, Wolfgang (Orgs.) **Spätmittelalterliche städtische Geschichtsschreibung in Köln und im Reich**. Editora SH: Colônia, 2001, pp. 1-29.

SCHMANDT, Matthias. **Judei, cives et incole: Studien zur jüdischen Geschichte Kölns im Mittelalter**. Verlag Hahnsche Buchhandlung: Hannover, 2002.